


**“É POSSÍVEL RENASCER A FESTA? QUAL FESTA? E PARA QUEM?” COMO A EXPANSÃO  
MODERNIZADORA DAS GRANDES CIDADES ARREFECE O INTERESSE DOS JOVENS  
PELAS FESTAS TRADICIONAIS**

**"IS IT POSSIBLE TO REVIVE THE FESTIVAL? WHICH FESTIVAL? AND FOR WHOM?"  
HOW THE MODERNIZING EXPANSION OF LARGE CITIES COOLS YOUNG PEOPLE'S  
INTEREST IN TRADITIONAL FESTIVALS**

 <https://doi.org/10.63330/armv1n10-015>

Submetido em: 19/12/2025 e Publicado em: 08/01/2026

**Elma Nascimento de Souza**

Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM; vencedora do Prêmio Mário Ypiranga Monteiro, na categoria folclore e culturas tradicionais dos Prêmios Literários da Cidade de Manaus 2014, com a obra “Na batida do cajado:” As Pastorinhas de Manaus

E-mail: [elmaturismo@yahoo.com.br](mailto:elmaturismo@yahoo.com.br)

LATTES: [lattes.cnpq.br/8520991708512160](http://lattes.cnpq.br/8520991708512160)

**Sérvulo Nilson Mendes Miranda**

Pós-graduado em Tecnologias Educacionais para Docência em Educação Profissional e Tecnológica – UEA

E-mail: [servulonilson@hotmail.com](mailto:servulonilson@hotmail.com)

LATTES: [lattes.cnpq.br/3398209722189731](http://lattes.cnpq.br/3398209722189731)

**RESUMO**

O sociólogo Florestan Fernandes costumava dizer em seus trabalhos que os fatos folclóricos sempre foram o centro das preocupações de seus estudos por acreditar que eles precisavam ser estudados e analisados de forma crítica. Para Fernandes (1989), eles também constituem uma realidade social que colaboram para o conhecimento humano – conhecimento de certas estruturas e funções da cultura de um grupo social. Já para Mário de Andrade (1959), o folclore é uma ótima modalidade de compreensão do homem, visto através das formas da cultura. Assim, tanto Fernandes (1989) quanto Andrade (1959) destacam as festas folclóricas como exemplo de precioso campo de observação para se compreender as várias dimensões e aspectos psicossociais e sócio-culturais de uma sociedade. Nessa perspectiva, dialogamos com jovens participantes da festa das Pastorinhas de Manaus para compreendermos como eles lidam com as tradições do passado.

**Palavras-chave:** Festa; Jovens; Tradicional; Modernidade; Folclore.

**ABSTRACT**

Sociologist Florestan Fernandes used to state in his works that folkloric facts were always central to his academic research because he believed they needed to be studied and analyzed critically. According to Fernandes (1989), folklore also represents a social reality that contributes to human knowledge - the comprehension of certain structures and functions of a social group's culture. As for Mário de Andrade (1959), folklore is an important way of understanding society through its cultural forms. Therefore, both Fernandes (1989) and Andrade (1959) highlight folkloric festivals as a valuable field of observation for understanding the different psychosocial and sociocultural aspects of a society. From this perspective, we held talks with young participants in the "Pastorinhas" festival Manaus to understand how they relate to past traditions.



**Keywords:** Party; Young; Traditional; Modern; Folklore.



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 METODOLOGIA

Os métodos empregados para o trabalho consistem nas técnicas de entrevistas com os membros da comunidade indígena participantes da festa, brincantes indígenas e não indígenas e a plateia, usando o método de entrevistas e questionários de Mirian Goldenberg (2007), nos quais a autora destaca a estruturação de perguntas que poderão ser fechadas, padronizadas, facilmente aplicáveis e analisáveis de maneira rápida, como questionários e entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas e resposta livre, não-limitada por alternativas apresentadas. O entrevistado poderá falar e/ou escrever livremente sobre o tema que lhe for proposto. Também utilizaremos a pesquisa bibliográfica e documental sobre as Pastorinhas de Manaus e de temas como folclore, cultura popular e modernidade para compreendermos como a sociedade jovem pós-moderna lida com as culturas tradicionais.

## 2 TOSQUIADOS PELA MODERNIDADE

“O imenso conjunto de talentos de toda uma geração desceu pelo ralo e foi cair em pútridas sarjetas de alienação e de anomia, de raiva e de desespero, de desinteresse indiferente”.  
apud David Harvey, Espaços de Esperança, p. 336

Para o filósofo da modernidade e da vida cotidiana, Henry Lefebvre (2001), a industrialização é um dos fatores característicos das cidades urbanas. Percebemos que uma cidade urbana se anuncia quando se estende desmesuradamente, acontecendo, inevitavelmente, o crescimento desordenado, a proliferação de favelas, a transformação da forma tradicional da sociedade agrária cuja relação com a vida urbana, nem sempre é bem discernida e se constitui como um problema.

A cidade de Manaus passa a conhecer a industrialização no final do século XIX, quando o ciclo da borracha trouxe um movimento intenso de riqueza econômica à cidade. Assim, o sistema industrial chegou sob todas as formas: expansão portuária, eletricidade, telefonia, edifícios públicos, hotéis, serviços telegráficos, de bondes, casas comerciais importadoras e exportadoras e etc. Mas, é na década de 1960 que a industrialização se apresentou, literalmente à Manaus. O projeto chamado Zona Franca mudou grandiosamente a cidade, que até esse período era *morna e provinciana* (LOBO, 1994) e a configurou para uma cidade urbana industrializada pelo forte comércio de artigos eletrônicos produzidos no Distrito Industrial, criado em 1967, com indústrias dos mais variados setores, confirmando as palavras de Lefebvre (2001), quando o autor afirma que a industrialização é “sem possibilidade de contestação o motor das transformações na sociedade”. (Lefebvre, 2001, p. 3).

Florestan Fernandes (1979) explica que o fenecimento das culturas tradicionais nas grandes cidades começou com o progresso da urbanização, uma vez, que esta trouxe alterações importantes na



vida social da cidade. As camadas populares viram-se cada vez mais envolvidas em situações que exigiam novos tipos de comportamento, incompatível com as ações do modelo da cultura popular.

Esse processo de ajustamento aos padrões das classes dominantes chegou a se tornar tão inflexível que, de acordo com Fernandes (1979), as instituições oficiais“ passaram a exercer pressões mais definidas e drásticas contra os elementos culturais que pareciam perpetuar um, estado de ignorância“ e de incultura“: A Igreja Católica chegava a punir quem tomava parte de credices populares e algumas manifestações e festas tradicionais tornaram-se aos olhos da Igreja, como profanas; as Escolas e outras instituições educacionais imprimiram uma organização mais eficiente à difusão e democratização decorrentes do saber erudito“; a Polícia aumentou o rigor da repressão a atividades que podiam parecer perniciosas“ ou impróprias“ em uma cidade civilizada e etc (Fernandes, 1979). Contudo, o autor conclui que a intensidade do estilo moderno nas sociedades é que concorre para o desaparecimento das tradições populares.

De acordo com a Sra. Maria José Gama da Silva, 47 anos, moradora do bairro Monte Pascoal, organizadora das Pastorinhas, os jovens se interessam somente pelas danças da modernidade:

Nós temos uma dificuldade danada de encontrar jovens que queiram brincar de Pastorinhas, eles morrem de vergonha. Não querem declamar os versos, não querem ter trabalho, morrem de vergonha de cantar. Só querem saber dessas danças de hoje, como o forró, até aparecer outra da moda [...] os jovens de hoje fogem de Pastorinhas.

A verdade é que a sociedade contemporânea vive uma crise social em diversas dimensões. E os desdobramentos culturais que estão sendo traçados para as grandes cidades é a dificuldade para que as culturas tradicionais se mantenham, pois, o individualismo é uma das principais características dos “jovens modernos”.

Diante da análise de Néstor Canclini (2008), na qual o autor afirma que a modernidade propõe “relações instantâneas temporariamente plenas, rapidamente descartadas ou substituídas” (Canclini, 2008 363), trataremos a seguir como se encontram as Pastorinhas de Manaus na atualidade, haja vista as evidentes perdas culturais ocorridas na cidade nas últimas décadas (Oliveira, 2003, Aguiar, 2000), dentre as quais, algumas de suas festividades, o que nos faz indagar:

## 2.1 É POSSÍVEL RENASCER A FESTA? QUAL FESTA? E PARA QUEM?

Os efeitos das pressões desagregadoras da urbanização e da modernidade reproduziram transformações não só nas festas tradicionais, mas também no modo de festejar das poucas pessoas que ainda se interessavam por esse tipo de festividade.

Andrade (1959) já afirmava, na década de 1930, que as festas folclóricas, ou seja, as danças



dramáticas “estavam em plena e muito rápida decadência e lutam furiosamente com a civilização. Ou melhor: esta é que luta com elas e as domina” (Andrade, 1959, p. 67). Para o autor, os efeitos negativos da mudança cultural, fazem com que exista pouco interesse por parte da sociedade pelas festas populares. Por isso, para que muitas sobrevivam, é necessário se adaptarem aos conceitos ditos modernos, perdendo muito da sua essência folclórica. Está claro para Andrade que em uma vida urbana é quase impossível que o homem moderno se mantenha fiel à sua herança cultural tradicional.

Pensamento compartilhado por Fernandes (1979) quando pesquisou o folclore na cidade de São Paulo e constatou que as heranças culturais tradicionais não possuem mais pontos de referência sociais. O que ele lamenta, visto que a persistência de complexos folclóricos, especialmente no que diz respeito ao folclore infantil, como as brincadeiras de roda, os contos, os folguedos, principalmente os que são brincados em equipe contribui para certos valores sociais, para os quais denominou de influências socializadoras e educativas para a criança.

Fernandes (1979) explica que as atividades desenvolvidas nos grupos infantis abrangem à incorporação de normas ou de padrões de comportamento na personalidade da criança, imprimindo valores do que é „certo“ ou „errado“, daquilo que „deve“ ou „não deve“ fazer. Exemplo disso, é que as crianças que “trapaceavam” nas brincadeiras anteriores eram descartadas pelas demais em outros momentos.

Para o autor, as brincadeiras folclóricas de grupo também colaboravam para o espírito de equipe, visto que a criança aprende como “agir em determinada circunstância, na qualidade de parceiro e membro de dado agrupamento social, bem como para um sentimento de liderança, quando o folguedo necessitava de um “mestre”.

Outros sentimentos como o da reciprocidade são motivados nos folguedos folclóricos, como por exemplo, quando uma criança retribui gentilezas do colega, quando esse agiu dessa forma com ela, como emprestar suas bolinhas de gude ao parceiro. Vejamos nas palavras do autor, a importância do folclore infantil para a formação do caráter da criança:

O importante aqui, não é somente a inculcação do padrão de comportamento. Outras coisas ocorrem simultaneamente. Juntamente com o que seus companheiros „esperam“ dela, a criança aprende como o grupo reage a seu próprio comportamento expresso. Ela acaba distinguindo vários tipos de reação grupal e estimando as consequências agradáveis ou desagradáveis que eles acarretam [...]. Tendo se em vista as oportunidades de interação social das crianças, essa aprendizagem é deveras importante para o seu amadurecimento como ser social”. (Fernandes, 1979, p. 21)

Dessa forma, fica evidente para Fernandes (1979), que a criança que participa dos folguedos folclóricos *não aprende exclusivamente a brincar*, mas *cresce socialmente*, pois adquire e desenvolve aptidões sociais que constituem requisitos para o ajustamento no convívio social, assim como ajuda a



preparar a criança para lidar com situações com que se defrontará no futuro. E mais: além de favorecer a socialização, desenvolve o gosto pela música, perpetua tradições simbólicas, ajuda a trabalhar as emoções, inclusive a timidez, essa última se mostra como um forte obstáculo para os jovens da atualidade para encenar a adoração das Pastorinhas. Segundo Fernandes, se brincadeiras folclóricas são habituais na infância, provavelmente na juventude se terá menos resistência em participar de festas dessa categoria.

Por isso, o que mais preocupou o sociólogo brasileiro foi sua conclusão de que “perderam-se valores irrecuperáveis e que deveriam ser preservados. Essa perda, no terreno do folclore, tem sido irreparável” (Fernandes, op. cit, p. 34). Essa perda folclórica a que o autor se refere, mostra-se não apenas com o desaparecimento, mas também com a união do folclore às tendências modernas. Contudo, os defensores da combinação *moderno e tradicional*, segundo autor, mostram-se incapazes de conciliar valores essenciais dos fatos folclóricos com o progresso“. E em lugar de contribuírem para a perpetuação do folclore, deturpam-no.

Isso foi constatado pelo autor nas campanhas para infundir cunho folclórico à música nacional e para preservar“ as danças populares. Para Fernandes (1979), a mistura do novo e do velho, do arcaico e do moderno coexiste e se entrelaça de forma negativa, pois o caráter tradicional da dança acaba se desintegrando.

Em outras esferas do folclore, como sucede com as adivinhas, os ditos e sentenças populares, Fernandes (1979) pondera que a junção antigo/moderno pode manter um equilíbrio saudável e até perspectivas de atualização cultural, ajustando-se entre as verbalizações do homem e as condições variáveis do seu meio social de vida. Os fatores modernos, inevitavelmente, imiscuíram-se no destino dos elementos folclóricos, e de alguma forma, contribuíram, de acordo com o autor, positivamente, a exemplo da difusão midiática, como discos com cantigas folclóricas, a influência do rádio, da televisão e do jornal que podem incentivar a integração do folclore infantil em novos contextos sócio-culturais.

Contudo, Fernandes (1979) conclui que, de maneira geral, há pouco interesse por parte do homem moderno em preservar heranças culturais tradicionais, pois “a cidade se alterou: indivíduos e grupos, que se apegam a formas obsoletas ou pré-urbanas de pensamento e de ação, dificilmente conseguem ajustar-se satisfatoriamente às exigências da situação” (Fernandes, op. cit: 36). Assim, as observações do autor, permitiram-no presumir que “a perpetuação folclórica se fará de modo fragmentário e ocasional” (*Ibidem*). Conclusão semelhante é tida por Michel Vovelle (2004) sobre a rejeição das festas tradicionais populares, sobretudo da parte dos jovens, diante das formas de festas vulgarizadas e comercializadas da atualidade (Vovelle, 2004, p. 242).

Assim, Vovelle (2004) dirá que, incontestavelmente, a modernidade levará a uma nova exigência festiva. Mas questiona se essa exigência consegue passar pelo crivo da história e da redescoberta. O fato



é que mesmo com essas novas exigências festivas, é difícil que as festas antigas tradicionais se adaptem às novas estruturas e aos novos conflitos da sociedade moderna. Ainda, referenciando-nos sobre as *novas exigências festivas*, é oportuno colocarmos a fala de uma jovem de 24 anos, brincante das Pastorinhas, moradora do bairro Monte Pascoal, quando ela diz que os jovens de sua idade não se interessam pela dança dramática das Pastorinhas:

Os jovens da minha idade, não sabem nem o que é Pastorinha, eu sei por causa da minha sogra que é organizadora. Quando eu explico e mostro como é as Pastorinhas, eles acham tudo chato. Os versos, as músicas, mas principalmente as roupas. As meninas acham os vestidos longos demais, brega, têm vergonha de usar. Acham que é pagar mico. Elas querem vestido curto, como da Ciranda. Mas não pode, se não, não é mais Pastorinha! Quanto mais o tempo for passando, maior será a dificuldade para encontrar jovens que queiram participar das Pastorinhas. (Depoimento de Helen Gomes, 24 anos, brincante das Pastorinhas dos bairros Monte das Oliveiras e Monte Pascoal)

A tese de número 154 de Debord (1997) sobre a *Sociedade do Espetáculo* ironiza as diversas festas dessa sociedade, que parece não conhecer, verdadeiramente, a festa, quando o autor afirma que suas “múltiplas festividades, é também uma época sem festa”. E vai além quando denomina as festas da sociedade espetacular como “pseudofestas vulgarizadas, paródias do diálogo e da doação” (Debord, 1997: 106). Para o autor, essas *pseudofestas* só servem para trazer despesas excedentes, e “decepção, sempre compensada pela promessa de uma nova decepção” (*Ibidem*).

O pessimismo de Debord (1997) quanto às festas espetacularizadas é compartilhado por Vovelle (2004) quanto às festas tradicionais, visto que para este, mesmo que essas sejam reinventadas, redescobertas ou reivindicadas não conseguem passar do efeito inicial de surpresa e curiosidade. Para Debord, o *revival* do tradicionalismo perdura em algumas localidades, quando essas permitem, de alguma forma, que o espetáculo interaja com a comunidade. Assim, tomamos como exemplo a *Oktoberfest* de Blumenau, considerada como festa-espetáculo e por isso atrativa para a sociedade de Santa Catarina, sobretudo para os jovens e para a indústria do entretenimento e do turismo. (Flores, 1997, Rosa 2007)

Percorrendo nessa linha de estudo, Canclini (2008) analisa em que sentido e com quais finalidades as festas populares aderem à modernidade, buscam-na e misturam-na a suas tradições. Para o autor, a tendência da modernização não provoca o desaparecimento das culturas tradicionais. Por isso, Canclini destaca que o importante não é compreender se a modernidade causa o fenecimento das tradições, mas analisar como a força da modernidade se relaciona com o tradicionalismo. Diante disso, colocamos como exemplo, a festa das Cavalhadas de Pirenópolis que acontece anualmente há mais de 180 anos e é intensamente vivida por seus habitantes.

Nessa perspectiva em seu estudo sobre o mercado festivo, Maria Cristina Rosa (2007) coloca pertinentes indagações: “O que compõe a cultura festiva atual?” “Qual capital é comercializado nas



festas?” “Como o lazer é experienciado nessa manifestação?” “Qual é o lazer da moda?” (Rosa, op. cit: 204).

Para analisarmos tais perguntas, é oportuno destacar o trabalho de Edgar Morin (1990) quanto à cultura de massa e o lazer moderno. O autor explica que antes da conquista ao tempo livre, a festa era um tempo de comunhão coletiva, de ritos sagrados, de cerimônias, de retirada de tabus, de pândegas, de festins. Mas, este tempo foi corroído pela organização moderna. Por isso, atribui ao novo emprego do tempo livre o enfraquecimento do folclore nas festas.

Morin (1990) afirma que a ampliação, a estabilização e a quotidianização do novo tempo livre se efetuaram em detrimento da festa. As diversas formas de lazer moderno não é mais privilégio das classes dominantes. A partir do momento em que os trabalhadores conquistaram a diminuição da jornada de trabalho e o direito ao tempo livre, as festas deixaram de ser o único tempo ganho sobre o trabalho. Pois, passaram a existir fins de semana livres e férias.

Nesse sentido, o novo tempo livre que, antes, era muito esperado por causa da necessidade do descanso, se mostra, agora, não mais relacionados a trabalho, família, festa. Porquanto o consumo começou a fazer parte do lazer, esse se tornou “não mais o vazio do repouso e da recuperação física e nervosa; não mais a participação coletiva na festa, a participação nas atividades familiares (...), mas progressivamente, a possibilidade de uma vida consumidora”. (Morin, op.cit, p. 68)

Assim, compreende-se que quando as massas passam a ter acesso ao consumo e à escolha de lazeres já atingidos pelas classes médias, o desinteresse por festas tradicionais, (antes aguardadas e até almeçadas, por ser a única ou a pouca opção de divertimento), predomina em uma localidade. Nos depoimentos das pessoas que conheceram as Pastorinhas de Manaus das décadas de 1930 a 1960 no capítulo anterior, é dito que as Pastoras eram esperadas com ansiedade pela sociedade manauara. Já, na atualidade, verificou-se que elas têm poucos seguidores, tanto de personagens, quanto de público. (Será abordado logo adiante sobre a etnografia da festa)

Ao tratar sobre as tentativas frustradas de algumas cidades em renascer festas caídas em desuso, Vovelle (2004) concluiu “que toda festa só pode pertencer ao seu próprio tempo” (Vovelle, 2004, p. 245). Mas isso, para o autor, não é motivo para a festa privilegiar ou aderir à modernidade “pela simples razão de ser nova, e cujo caráter alienante já é comprovado” (*Ibidem*).

Mas o que dizer das festas tradicionais que sobrevivem nas grandes cidades? Significa que essas cidades não são modernas? Ou será que elas resistem porque aderiram à modernidade, ao espetáculo? E as que não aderiram ao moderno estão agonizantes, em vias de morrer? Não é tão simples responder a tais questões.

Segundo Hall 2005, a *força revolucionadora da modernidade* modificou os hábitos dos jovens contemporâneos, especialmente suas preferências em relação à festa. Os diversos gêneros festivos da





atualidade contribuem para que estes tenham pouco interesse por festas folclóricas tradicionais. A não ser que haja identificação.

Ao tratar sobre lazer, festa e juventude Rosa (2007) afirma que as novas práticas festivas buscam sempre novas atrações para esse grupo social que não seja só o divertimento, mas “ousadia, sedução, disposição, gosto pela aventura e pelo risco, estética corporal, busca de emoção e do novo” (ROSA, 2007, p. 210). Assim, a autora exemplifica relatando o sucesso que as festas *raves* fazem entre pessoas de 17 e 30 anos, por *prometerem fortes emoções (Ibidem)*. Mas não somente estas. As festas, em geral, constituem em um dos lazers preferidos da juventude. Rosa (2007) aponta em seu trabalho uma pesquisa realizada em 2004, direcionada a atividades de lazer praticadas por acadêmicos da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, que entrevistou alunos de 17 a 28 anos. Nesta, verificou-se que o que se refere às festas, como reunião em casa de familiares e colegas, bem como boates e danceterias, encabeçavam a lista de atividades preferidas dos jovens, sobrepujando outras atividades atrativas como namorar e freqüentar restaurantes.

Mas também é possível identificar que as classes sociais dos jovens também interferem e diferem quanto às suas formas de experimentações culturais. Em relação aos grupos de Pastorinhas de Manaus, encontramos componentes em maior quantidade na periferia e não mais em bairros tradicionais e áreas nobres da cidade. Canclini (2008) nota em seus trabalhos sobre as culturas em tempos de globalização, que a cultura moderna se constrói negando as tradições e os territórios, trazendo renovação na linguagem, nas formas de urbanidade e nos hábitos da juventude. Contudo, o autor salienta que os próprios promotores dessa cultura moderna, que a anunciam como superação do antigo e do tradicional, sentem cada vez mais atração por referências do passado.

Nas tentativas de reviver as tradições por meio das festas populares, utilizam-se, muitas das vezes, recursos contemporâneos para atrair não somente os jovens, mas a sociedade em geral. Em contrapartida, a correria do dia-a-dia das pessoas nesses tempos ditos modernos e a homogeneização de comportamento que a globalização causou, trouxe uma certa nostalgia em relação ao antigo. É o caso da maioria do público das Pastorinhas da cidade de Manaus, que ao ser veiculado na mídia o dia e a hora dessa apresentação, compareceram como objetivo primeiro *de matar a saudade da Manaus que brincava Pastorinha*, bem como de sua adolescência e juventude que vivenciaram as Pastorinhas. Tomemos como base o depoimento da Sra. Regina Ortiz, professora, moradora do bairro da Compensa, que se emocionou ao lembrar de sua mãe que confeccionava a roupa das Pastorinhas da rua Luiz Antony na década de 1960:



Eu vim porque eu assisti no jornal da manhã que hoje teria apresentação das Pastorinhas, o que me deixou muito surpresa. Porque eu pensava que nem existia mais Pastorinhas aqui em Manaus. Eu brincava todos os anos junto com a minha irmã. Mamãe confeccionava as roupas das Pastorinhas que eram de papel crepom, não eram de tecido. Ela fazia com muito cuidado e carinho.

Entretanto, é importante destacar que o desejo da entrevistada de rever as Pastorinhas não fora concretizado, uma vez que a apresentação não aconteceu porque as Pastorinhas que se apresentariam não compareceram, ficando visível a frustração do pequeno público que as aguardava.

Referindo-nos ainda, sobre a relação entre o antigo e o moderno, a professora Maria Celeste Mira (2006) observa que no ramo da produção cultural, as tradições populares, de alguns anos para cá, têm obtido grande interesse por parte de diversos segmentos culturais: música, dança, teatro, cinema, televisão, fotografia, *designer*, na decoração, na moda, nas artesplásticas etc. A autora afirma que se tornou notório e cada vez mais comum, iniciativas com o propósito de recuperar“, resgatar“ ou revelar“ a cultura popular“ (MIRA, 2006, p. 353). Isso porque, diz ela, resgatar a cultura popular significa recuperar algo mais.

A cultura popular pode simbolizar, de alguma forma, *raiz*, *tradição* e um conjunto de significados que traz segurança e sentimento de pertença em um mundo desencantado“ (Weber, 1979), descentralizado“ (Giddens, 1997), em ritmo acelerado“ (Harvey, 1999), e em alto nível de risco e insegurança pessoal“ (Bauman, 1999). Pois, remete, de certa forma, ao campo, a um tempo sem pressa, a um lugar relativamente seguro em que as pessoas podiam adotar um comportamento mais simples e natural, inclusive no festejar de suas tradições. O que a indústria do turismo logo se apropriou, pois as pessoas procuram cada vez mais a convivência com um passado que o mundo moderno deteriorou. Haja vista, o tipo de produto turístico que mais interessa aos turistas de todo o mundo: o turismo cultural, que na atualidade não significa apenas visitas a museus, teatros e igrejas, mas a convivência com o autóctone, que lhes transmite, ou melhor, vende seu modo de vida. É o caso do turismo rural e étnico, no qual o turista vivencia práticas tradicionais da comunidade receptora. Quanto mais exótica e simples mais atraente e cara! “É o capitalismo vendendo um mundo que ele próprio desmantelou”. (Mira, op. cit: 370) Por isso, a redescoberta da cultura popular, e em especial das festas populares, tem sido atribuído, especialmente, ao desenvolvimento da atividade turística no país. A partir da segunda metade do século XIX, quando as viagens motivadas por descanso e lazer, deixaram de ser privilégio das elites, o turismo apareceu como uma busca pela autenticidade, a ser encontrada em outras culturas. Assim, o reconhecimento de que a atividade turística pode movimentar a economia de um lugar, fez com que muitas regiões passassem a valorizar seus recursos naturais e suas produções culturais, especialmente o tradicional e o artesanal. (Maccannell, 1992, Mira, 2006)

A verdade é que as cidades se transformaram e com ela seus habitantes. Os jovens, fundamentais



para as Pastorinhas, não se interessam em decorar os textos, fundamentais para a dança dramática. Para as moças, as Pastorinhas envelheceram, suas roupas são antiquadas, seus versos lhes parecem monótonos e cansativos.

Os que mantem as Pastorinhas vivas são os que conviveram com elas, como ex- brincantes que conheceram o seu apogeu e não querem que a festa se perca. Muitas delas, organizadoras das Pastorinhas, pelo cumprimento de uma promessa por uma graça recebida. Outros, inclusive, jovens, por se identificarem com esse tipo de festividade por causa da dança, dos versos, das músicas, da religiosidade, e, também, pela intimidade com a festa, por tê-la como tradição familiar.

Os jovens que não tiveram essa familiaridade com as Pastorinhas afirmam que com tamanha diversidade e lazer em Manaus, não há lugar para essa festa que exige mais que as outras, e eles, normalmente, buscam estar distantes de tudo que lhes possa indicar envolvimento e compromisso (Bauman, 2007).

É verdade que a juventude atual evita se comprometer e se entedia facilmente. Entretanto, é importante destacar que há jovens que negam essa realidade narcisista, que evita comprometimentos (Libânio, 2004). É o caso de jovens que lutam, trabalham, sofrem e têm uma vida dura, e de outros que participam ativamente de outras danças dramáticas. Ora, não se deve ver toda uma realidade a partir de uma ótica de alguns grupos, uma vez que a imensa maioria dos jovens até possuem algumas características dessa ideologia modernista, mas muitos da cidade de Manaus vivem, também, em outra realidade. E essa realidade, muitas vezes, dura em excesso os leva à fé e à religiosidade, fatores que se mostraram como um dos motivadores para a preservação da festa das Pastorinhas que tem como principal característica a adoração do Menino Jesus em torno de Sua manjedoura, o que nos permite concluir que a devoção religiosa é um dos principais motivadores das festas tradicionais.

Figura 1: Apresentação das Pastorinhas de Manaus



Fonte: Souza, Elma

Figura 2: Pastorinhas de Manaus, 2020 bairro da Cachoeirinha, década de 1950.



Fonte: RIBEIRO, Maria Albina.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os estudiosos da sociedade atual, nenhum tema é mais propagado do que a ruptura desta com os laços do passado, inclusive, para eles todas as partes dessa sociedade como a família, os companheiros, os amigos, a escola, a profissão estão em crise (Touraine, 2007, Bauman, 2007), conduzindo o indivíduo, sobretudo o jovem à solidão que o leva à depressão ou à busca de relações artificiais e perigosas (Touraine, 2007, p.82). Para este autor as sociedades atuais vivem em um grande vazio social e inconsciente ou conscientemente buscam um retorno em si mesmo que a herança cultural pode trazer.

Por isso, ao invés de os organizadores dos festejos tradicionais, que com a finalidade de atrair tanto público quanto brincantes para as suas festas, buscarem elementos modernos para festividades folclóricas, o que é válido, visto que “o novo e o velho se interpenetram” (Fortuna, 2001) e se reelaboram e as alterações são inevitáveis, poderiam, bem mais, usar outros métodos de motivação como o jogo, o humor, a disputa e a recompensa para, assim, quem sabe, perpetuarem a cultura popular. Inclusive, no que diz respeito às características que compõem a dança dramática original das Pastorinhas, estas são cada vez mais atraentes e atuais, principalmente, o humor, a dramaticidade e a fé no protagonista da festa. Elementos, esses, utilizados na festa das Pastorinhas de Parintins, que a torna divertida e motivadora. Portanto, é possível, com efeito, lançar mão desse “espírito moderno” das Pastoras para que os jovens se apeguem a elas e, assim, as Pastorinhas de Manaus não venham a desaparecer.

Por fim, o trabalho termina com o desejo das Pastoras de Manaus por jovens seguidores que levem seu cajado adiante, pois, elas sabem que é na mão deles que se encontra a força para a batida do cajado recuperar o vigor de outrora..



## REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Lisboa: Inquérito, 1941. BAUMAN, Zygmunt, *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLÍNI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo; Ed. Hucitec, 1989. FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. FORTUNA, Carlos. *Cidades, cultura e globalização*. SP: Hucitec, 2001.
- FLORES, Maria Bernadete. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. 10. Edição, Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques e Manzo, Maurício. *O grande livro do folclore*. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2000.
- LIBÂNIO, J.B. *Ideologia e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 2004. LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. SP: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henry. *A vida cotidiana no mundo moderno*. SP: Centauro, 1991. LIBÂNIO, J.B. *Ideologia e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 2004.
- LOBO, Narciso Júlio Freire. *A tônica da descontinuidade*. Manaus: EDUA, 1994.
- MACCANNELL, Dean. *White culture*. IN *Empty meeting grounds*. Londres: Routledge, 1992.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- ROSA, Maria Cristina. *As festas e o lazer*. In *Lazer e cultura*. Org. MARCELINO, Nelson Carvalho. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2007.
- TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: 2007.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. SP: Ed. Brasiliense, 2004.